

As perspectivas para 79 - 15

Fortalecer partidos, a meta de Sarney

Da sucursal de
BRASILIA

Montar uma estrutura partidária capaz de transformar a Arena em partido congressual e atuante quase só em vésperas de eleições, numa agremiação capaz de ocupar plenamente os espaços democráticos recém-abertos pelas reformas políticas, constitui uma das prioridades do novo presidente arenista, senador José Sarney.

Esta falta de operacionalidade de que a Arena se ressent, segundo Sarney não decorre de falhas de seus antecessores na direção do partido sendo também comum ao MDB. Por isto ele vai propor ao presidente emedebista, deputado Ulysses Guimarães, um debate aberto em torno da conveniência da reformulação da legislação partidária e de sua consolidação com a finalidade de desempenhar uma máquina que dificulta o exercício da missão para a qual foi criada, pois é assim que vê os partidos brasileiros neste momento. Sarney entende que sendo a hora de afirmação democrática a política ganha especial destaque e o conduto natural para seu exercício — os partidos — não podem continuar carentes dos mínimos recursos, inclusive financeiros, para exercerem a sua destinação institucional.

A criação de um grupo de trabalho interpartidário, a seu ver, estimularia ainda a convivência de parlamentares adversários na mesa das negociações políticas à qual necessariamente terão que se sentar, a curto prazo, aqueles que compreenderem a importância da fase de transição que o País atravessa e a responsabilidade compartilhada dos políticos, sem distinções de qualquer espécie, para o seu êxito.

O presidente da Arena diz reconhecer que o MDB é um partido que abriga tendências distintas e até mesmo conflitantes — “não é à toa que até mesmo seus dirigentes admitem que se trata de uma confederação de oposições” — mas declara-se convencido de que aqueles que atuam na faixa da moderação e não do radicalismo terão consciência da importância histórica de sua participação nos entendimentos políticos nos quais deverá se assen-

tar o prosseguimento das reformas. Ele admite que neste momento as idéias estão sendo lançadas e não há por que haver definições prontas e acabadas de tudo que está em causa, como se política fosse ciência exata. É sob este enfoque que vê a conciliação do general Figueiredo como “fato de excepcional relevância, na medida em que caracteriza uma intenção da união dos brasileiros no ordenamento democrático do País”. Mas também adverte que o MDB precisará, em seu devido tempo, conceituar melhor as suas próprias bandeiras de luta, como a anistia, por exemplo. “Eu mesmo já ouvi de dois senadores do MDB que acham perfeitamente razoável que a anistia não seja estendida a criminosos. Este é o meu pensamento e, com esta ressalva, entendo que ela deva ser a mais abrangente possível.”

Com relação à Constituinte Sarney a considera “totalmente inconveniente pela razão elementar de que há um Congresso recém-eleito e com poderes expressivos para emendar a Constituição”. E indaga: “não seria uma atitude realista e que não implicaria diminuição para qualquer das partes um entendimento de alto nível entre os partidos para a fixação daquilo que seriam os objetivos prioritários a serem alcançados para o aperfeiçoamento das instituições democráticas? É lógico que quem diz Arena diz governo, pois a Arena é o partido do governo, mas impõe-se que ninguém se esqueça que todos nós vivemos uma fase de aberturas que estão em pleno andamento”.

Um ponto que certamente seria trazido ao debate, segundo Sarney, diria respeito ao voto distrital. O presidente da Arena acha que o Brasil leva uma vantagem enorme sobre países que emergiram de regimes de força e tiveram que criar partidos para ordenar o processo político, como foi o caso de Portugal e Espanha. Não descarta a possibilidade de uma futura reformulação do quadro atual, mas não vê esta providência como prioritária. “Quanto ao sistema de voto distrital este sim — friso —, constituiria um sensível aperfeiçoamento. O que representam, hoje, os deputados? Sobretudo as tendências

predominantes no dia das eleições, mutáveis e, às vezes, emocionais. Num sistema em que o lado a lado com estas tendências, que também podem representar correntes de pensamento em certa medida, houvesse a representação por distrito, a base física onde vivem os eleitores, com todos os seus problemas e anseios, estaria mais convenientemente representada no Legislativo. Eu lembro que nos países de sistema democrático de governo, onde as instituições são mais estáveis pratica-se o voto distrital, enquanto o sistema proporcional, vigente entre nós é a marca registrada da grande maioria dos países do Terceiro Mundo — dos que não vivem sob ditaduras — e que se situam num estágio social e político sensivelmente inferior.”

Na medida em que os partidos passarem a ter condições operacionais adequadas e a consolidação democrática for um fato consumado, Sarney julga de toda conveniência que a Arena atue como um grande partido de centro, para que o espectro partidário que possa vir a se configurar no futuro não seja dominado pelos partidos de esquerda, coligados ou isoladamente.

“Em Portugal e na Espanha — observou — quando se tirou a tampa da panela o que aconteceu? Exatamente isto. Entre nós a situação é diferente, primeiro porque saímos de um regime autoritário mas não de uma ditadura, e sobretudo por que já contamos com partidos que apesar de suas falhas existem e atuam na medida do possível. Entre nós não há que criar, recriar e muito menos improvisar neste campo, mas sim aperfeiçoar”.

O ano de 1979, no entender do presidente da Arena poderá ter dificuldades “pois é evidente que a problemática econômica, que aliás tem dimensão mundial, se comunica à política”, mas está convencido de que “há condições muito boas para que elas sejam superadas, dentro da legalidade”.

“Os riscos sempre existem e nós temos que enfrentá-los. De nossa parte não faltará a disposição permanente para o diálogo e o debate, pois política é exatamente isto e o momento é de afirmação política.”